

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: _____

Data: 14.02.82

Pg.: 14

Cinquenta índios resistem a Itaipu



Foto Luiz Carlos Murrauskas

O pequeno grupo Avá-Guarani não quer deixar suas terras, condenadas a desaparecer sob as águas.

Cerca de 50 índios Avá-Guarani, habitantes de terras localizadas às margens do rio Ocol, próximo a Foz do Iguaçu, recusam-se a abandonar a região, que será inundada dentro de alguns meses, quando forem abertas as comportas da hidrelétrica de Itaipu. Eles não querem trocar seus 50 hectares de plantação e caça por outra área oferecida pela empresa binacional — com endosso da Funai —, onde

as condições geológicas impedem a lavoura. Além disso, o terreno não pertenceria a eles, sendo dada apenas uma precária "autorização de uso". A disposição de resistir é grande. "Aqui morreremos, se assim estiver determinado", afirma o pajé Alécio, que diariamente se dirige aos deuses pedindo proteção para sua gente.

Reportagem de Mário Chlmanovitch, na pág. 7.

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Folha de São Paulo*

Class.: 1134 (cont.)

Data: 14.02.82

Pg.: _____

Os Avá-Guarani resistem a Itaipu

50 índios negam-se a trocar suas terras férteis por uma área alheia e improdutiva

MARIO CHIMANOVITCH
Enviado Especial

RIO OCOI (Oeste do Paraná) — O pajé agita suas maracas sagradas em direção aos céus e invoca desesperado a intervenção de espíritos imemoriais em favor de seu povo. O sacerdote rodopia numa sarabanda alucinada, prestes a levá-lo ao mergulho de um transe. O rosto contorce-se num rictus medonho, transfigurando-o num instante num ancião de mais de um século de existência. O corpo encolhe-se, é agora um menino; deixa-se dominar por mais uma convulsão e estanca: começa então a ouvir os deuses...

De Santa Terezinha, distrito de Foz do Iguaçu, até a barra do rio Ocoi, onde se desenrola essa cerimônia, são pouco mais de 50 quilômetros através de uma estrada de chão batido, de vermelho vivo que atesta a fertilidade excepcional das terras da região. A exuberância da natureza, entretanto, deixa-se de quando em quando violar pela aparição de construções abandonadas ou semidestruídas que compunham até bem pouco tempo atrás uma sucessão de propriedades rurais prósperas e bem estabelecidas.

A paisagem agora é fantasmagórica: aqui é uma janela ou porta prestes a despencar de seus caixilhos; acolá é uma porteira que range lúgubre ao vento, batendo inútil. Alguns varais não desmontados deixam flutuar peças de roupas quase apodrecidas, agitadas como bandeiras desta terra-de-ninguém prestes a desaparecer.

Tudo deverá submergir dentro de poucos meses, quando forem finalmente abertas as comportas da hidrelétrica de Itaipu. Árvores, campos onde jazem secos a soja e os milharais, as ruínas e os animais, tudo será tragado. Não há escapatória, muito embora o pajé acredite ainda nos seus próprios sortilégios. Dos brancos, quase toda gente já se foi e os bem poucos que ficaram se apressam em fazê-lo, maldizendo quase sempre as quotas de indenização fixadas pela binacional sobre os seus quinhões de terra rubra. Alguns falam em pecado, apontando a igreja com suas enormes portas cerradas, que guarda ainda em seu átrio algumas imagens pesadas e carcomidas que o padre preferiu não levar. Os santos de gesso e pedra-sabão deverão também desaparecer sob o dilúvio.

O pajé Alécio não entende o homem branco. Como é possível, ele indaga, que abandone tudo que foi seu, campos cultivados, resquícios de matas, as casas batidas caprichosamente, os currais, as plantações, colocando-se em fuga da noite para o dia, num êxodo inexplicável? Antes — ele murmura — não tivessem espoliado a nação indígena, usurpado suas terras para transformá-las em propriedade sua, cercada de arame-farpado e intransponível.

O pajé e sua tribo, os outrora altivos Avá-Guarani, reduzidos a pouco mais de 50 almas, não querem abandonar as terras do rio Ocoi, onde está localizada a sua história, cuja tragédia pode ser medida pela história de cada uma das tumbas que compõem os seus cemitérios.

A cerimônia a que se entregava o velho sacerdote era destinada a apelar aos deuses para que interferissem impedindo a remoção dos Avá-Guarani da região. Ele ouviu os espíritos, mas confessou que não obteve nenhum sinal es-

clarecedor dos céus, a não ser essa chuva torrencial que não cessa e ameaça ironicamente alagar tudo, antes mesmo que as comportas de Itaipu venham a ser abertas.

"Nós não queremos sair daqui e aqui morreremos, se assim estiver determinado", diz ele num português arrevesado, às vezes difícil de entender e mesclado de expressões em guarani. Os Avá amam a sua parca porção de terra, hoje nada mais de que cerca de 50 hectares, parcela ínfima dos 1.500 hectares que já chegaram a deter na região. Tratam a terra com a mesma ternura que consagram aos seus filhos, cultivando-a de maneira não predatória em lavouras de subsistência; caçando apenas para saciar a fome e não destruir nunca.

Tentando resolver o problema, a direção da empresa binacional de Itaipu fez-lhes uma proposta, imediatamente endossada pela Funai, mediante a qual as suas terras no Ocoi seriam compensadas por outras, numa extensão de apenas 20 hectares, remanescentes de uma fazenda desapropriada entre os municípios de São Miguel do Iguaçu e Santa Helena, além de 80 outros hectares situados numa faixa definida como de "domínio" da hidrelétrica. Ocorre contudo que esses

80 hectares não poderão ser utilizados para nenhuma finalidade — plantar ou edificar — devido às suas condições geológicas. "Ali não será possível nem sequer caçarmos passarinhos, simplesmente porque eles não existem naquelas paragens, e nem árvores para serem cortadas", desabafa o cacique Odilon Tupapotiri. Ele acaba de enviar uma carta à presidência da Funai, pedindo ao órgão que destine uma nova área com dimensão e qualidade iguais às da região do rio Ocoi. Odilon afirma que, se essa reivindicação não for atendida, a tribo preferirá então sucumbir com suas terras.

"Nós não queremos sair daqui, mas, se isso for inevitável, queremos e temos o direito de receber terras onde nossa gente tenha condições de sobreviver", diz o cacique, bem mal se expressa em português.

A determinação dos Avá-Guarani esbarra entretanto numa série de obstáculos aparentemente intransponíveis, a começar pelos criados pelo próprio órgão encarregado de zelar pelos seus direitos e interesses. A Funai chegou ao ponto de determinar a elaboração de um "laudo antropológico", que afirma não terem algumas famílias dos Avá-Guarani se "auto-identificado como indígenas". A regional Paraná da Comissão Pontifícia Justiça e Paz, que

tem fornecido assessoria jurídica e participado de encaminhamentos objetivando solucionar a problemática desses índios, solicitou à Associação Brasileira de Antropologia (ABA) que designasse um profissional para a elaboração de um laudo fidedigno. Após permanecer muito tempo na área dos Avá-Guarani, o antropólogo Edgard de Assis Carvalho preparou um minucioso trabalho científico de valor indiscutível.

A área originalmente ocupada pelos Avá-Guarani — um ramo da nação Guarani — tinha a extensão de 1.500 hectares, e a sua ocupação dataria de mais de um século, segundo atesta, entre outras constatações, a existência de seus cemitérios na região.

No início da década de 70, a Funai tentou transferi-los para a reserva que criou na área do rio das Cobras, ao Sul do Paraná, mas os índios acabaram retornando ao seu lugar de origem, por não aceitarem, sobretudo, a miscigenação com os outros segmentos guaranis.

Existem registros de contínuas invasões na região habitada pelos Avá-Guarani, promovidas sucessivamente por contingentes armados de colonizadores com o apoio do INCRA e cobertura da Polícia Militar do Estado. E se hoje detêm os 50 hectares onde vivem é porque recentemente resolveram ocupar uma extensão grilada por um mestiço, que originalmente lhes pertencia, onde efetuaram o plantio de roças de milho. Nos últimos meses, alguns índios, que antes haviam atravessado a fronteira para tentar se fixar no Paraguai, resolveram retornar à aldeia.

A oferta de reassentamento elaborada pela direção de Itaipu é inaceitável não só pelas condições ecológicas da terra oferecida, mas também porque elas não pertenceriam aos índios. Eles teriam apenas uma "autorização de uso" outorgada pela binacional. Isso implicaria numa eventual remoção dos índios a qualquer tempo, no momento em que a empresa assim o decidisse.

Desesperados, os Avá-Guarani do Ocoi, que formam um dos grupos mais puros entre todos os que compõem a nação Guarani, segundo bem o atesta o laudo elaborado pelo antropólogo Edgard de Assis Carvalho, não têm muitas opções: ou serão removidos à força para a área que a empresa Itaipu se propõe a lhes "emprestar", ou então se embrenharão pela região para sucumbir inexoravelmente sob as águas da hidrelétrica.

Há, bem entendido, a possibilidade de um milagre. Assim o crê o pajé Alécio:

"Os bons espíritos que protegem a nação dos Avá-Guarani podem interferir. Se eles quiserem, as nossas pequenas terras poderão ser preservadas das águas, e nós estaremos em paz, longe do homem branco e de sua ambição e impiedade desmesuradas", diz ele. Cal em silêncio e volta a se entregar, pensativo, aos seus sortilégios. Amanhã, antes que o sol se ponha sobre o rio Ocoi, ele estará novamente agitando as suas maracas sagradas em direção aos céus.

Ouve sempre os deuses dos Guarani, crê que eles não abandonarão o seu pequeno e pobre povo...